

co, também á volta, mais duas series pontuadas. Tanto as incisões como os pontos são irregulares.

A fôrma geral e em parte a ornamentação parecem-se um tanto com as de um vaso da necropole de Pongues-les-Eaux (França), que Déchelette coloca na fase chamada «bronze III» (cêrca de 1600 a 1300 a. C.)¹. Esta attribuição do nosso vaso á epoca do bronze combina com o haverem-se descoberto outros testemunhos da mesma epoca em Santa Vitoria, ou na sua área².

Devo acrescentar que o vaso de Ervidel tem no fundo aderencias de calcareo, o que mostra que esteve assente em chão d'essa natureza. Não sei ao certo as condições em que appareceu, mas provavelmente foi em sepultura.

J. L. DE V.

Uma ara inédita

De apontamentos meus sôbre *Conimbriga*, que um dia, possivelmente, se integrarão num pequeno estudo acêrca do grau de civilização atingido pelo famoso *oppidum*, e revelado nos contínuos achados que a falta duma exploração metódica vai deixando desperdiçar, extraio estas poucas linhas, humilimo subsidio à homenagem que *O Archeologo Português* hoje presta ao Dr. Simões de Castro, decano dos arqueólogos portugueses, e com cuja amizade me honro.

Trata-se dumã árula proveniente de Condeixa-a-Velha, comprada em fins de 1918 a um indivíduo da localidade pelo seu actual possuidor — Dr. Pinto de Almeida.

Está inédita; por isso, e por me parecer interessante, a apresento.

É o cumprimento dum voto a Apolo, divindade tutelar da civilização luso-romana: APOLLINI AUG(USTO) CAECILIA AVITA V(OTUM) S(OLVIT). Além das suas dimensões, não necessita de grandes considera-



¹ *Manuel d'Archéologie*, II, 383.

² Vid. *O Arch. Port.*, XI, 180 sgs.

ções, fácilmente dispensadas à arqueologia que não quer «fazer literatura».

A ara é de calcáreo da região, bastante perfeita, e de pequenas dimensões: altura — 0^m,265; base — 0,132 × 0,096; campo entre as molduras, ocupado pela epígrafe: 0,084 de altura × 0,107; espessura do corpo central, 0^m,067.

Letras levemente desiguais, as palavras sem pontuação e assimétricamente dispostas; há, contudo, uma certa proporção no conjunto de toda a ara, e podemos talvez assinar-lhe o sec. II para data.

AVITA, *cognomen mulieris*, é já conhecido no onomástico pessoal lusitano-romano; e é interessante notar duas inscrições que Hübner nos aponta, onde figura um *Caecilius Avitus* (*Corp. Insc. Lat.*, II).

O culto de Apolo não é dos que maior documentação deixaram; e percorrendo os inventários do *Corpus*, das *Religiões da Lusitania*, e das revistas de arqueologia, verifica-se quam deminuto número de lápides votivas se consagram a Apolo, razão por que o registo desta ara se me afigura dalgum interesse.

Coimbra, 16 de Junho de 1919.

ANTÓNIO G. R. MADAÍL

Objectos arqueológicos de Alcoutim

I

Do concelho de Alcoutim possui o Museu Etnologico, além de espécimes de Etnografia moderna¹, vários objectos antigos, uns colhidos por Estacio da Veiga, anteriormente á fundação daquele Museu, outros colhidos já depois que ele existe. Entre os que obteve Estacio, que fizeram parte do extinto Museu do Algarve, agora incorporado no Etnologico, sobressai, a estátua (mutilada) de Apolo, proveniente do Alamo, e publicada nas *Religiões da Lusitania* III, 234-235.

¹ Por exemplo: um *cossoiro*, de madeira, ornamentado; um *tambolarão*, de madeira (pêso de tear); um descanso, tambem de madeira, de tampa de baú; um *machucador*, da mesma substancia; um *palhêto* (vid. *Historia do Museu de estanho*; cinco colhéres ornamentadas, etc. Cf. Livro de entradas do Museu, *Etnol.*, p. 388-389; um garfo grande, de ferro; um saco, de pele; um galheteiro, n.º 4869 sgs.